

**.PSICOLOGIA NAS FRONTEIRAS:
o sentido no sentir da Psicologia**

Luiz Fernando Rodrigues Novais

rodriguesnovais@yahoo.com.br

Estudante de Psicologia na Faculdade de Guarulhos (FG). Presidente do Centro Acadêmico de Psicologia Nise da Silveira. Participa do Grupo de Escuta de graduandos da Psicologia (FG), grupo de estudos Práticas da Psicanálise nas Instituições Públicas e do coletivo Psicologia nas Fronteiras. Estagiário como acompanhante terapêutico na Comunicare, que atende crianças com autismo.

Quando procurei compreender a Psicologia e, então, entrar para o curso, sempre mantive um pensamento de poder participar e realizar algo que fosse para além dos muros institucionais, algo que não se encontra explicitamente em livros ou cursos do dia a dia. Nos dois primeiros anos de formação dentro de uma instituição privada e pequena, não se tem muito que fazer. Aquele desejo cativado pelos feitos de grandes Universidades vai se esvaindo, gerando frustrações e sensação de impotência, o que me angustiava cada vez mais, ao ponto de questionar e dialogar com as/os professoras/es antes e depois das aulas.

O primeiro passo dentro de tudo isso foi um coletivo de teatro com veteranas/os do curso, mas, logo, foi parando por estarem se formando e saírem da instituição. Um período depois, foi fundar o Centro Acadêmico de Psicologia Nise da Silveira, estimulado pelas/os professoras/es, colegas de curso e outras/os colegas de outras Universidades que foram auxiliar nessa construção. Nesse novo trajeto, uma pessoa fundamental que estimulou, acompanhou, orientou e continua orientando é a professora Adriana Marino que faz parte dos projetos: Psicanalistas na Praça Roosevelt, Psicanalistas pela Democracia, Fórum do Campo Lacaniano e Revista PATHOS. Ao acompanhar este engajamento da professora, motivou-me mais ainda a alçar voos para fora dos muros institucionais, o que sempre foi um objetivo. E esse fora um grande voo: participar do grupo de estudos organizado pelo Espaço Mutabis em parceria com as/os Psicanalistas na Praça Roosevelt sobre “As práticas da Psicanálise dentro das Instituições Públicas” que acontece também nessa mesma praça.

Ao me engajar nesses espaços, surgiram as principais dificuldades de um morador da periferia Guarulhense que são a distância e as condições financeiras para locomoção. O transporte público tem um valor exorbitante e o trajeto dos percursos é, em média, de uma hora e meia, apenas para ir a São Paulo. Entretanto em meio às dificuldades, obtive apoio e auxílio de pessoas próximas que acreditam na potência desses espaços. E, participando desse grupo de estudos, obtive uma aproximação com as/os psicanalistas que atuam na Praça Roosevelt, aprofundando meus questionamentos, ocupando esse espaço no período de eleições em 2018, o que foi norteador para iniciar o processo de formação do coletivo: Psicologia nas Fronteiras.

As eleições de 2018 causaram movimentos extremos em nossa sociedade, gerando muitos debates rasos e fundamentalistas, tidos como verdades absolutas, o que se tornou um gatilho para muitas pessoas adoecerem mentalmente. Nos espaços em que ocupava, ouviam-se muitos discursos sobre amigas/os, colegas e conhecidos/as que estavam com depressão por não aguentar mais ocupar os espaços em meio a estas “verdades absolutas” que eram e são tão agressivas.

Um dos primeiros passos que realizei referente a isso, foi organizar uma Roda de Conversa sobre Saúde Mental e Militância pelo coletivo Juventude Manifesta ao qual faço parte. Uma amiga do coletivo que estava passando por esta situação trouxe esse pedido. Juntos, com outras estudantes de Psicologia e com auxílio de algumas professoras, assim o fizemos. Desse momento em diante, dediquei-me a dialogar mais sobre esses adoecimentos e o espaço que mais me impulsionou foi o da Roosevelt – onde ocorre tanto o grupo de estudos quanto os atendimentos pelas/os psicanalistas, aos sábados.

Neste sentir e sentido, a escuta e uma supervisão implícita da referida professora culminou na percepção sobre o engajamento enquanto articulador, fazendo com que realizasse ações para sair do papel a ideia de atendimentos em uma praça pública em Guarulhos – município que carece muito desses espaços. Ao dialogar com as/os amigas/os do C.A. de Psicologia Nise da Silveira e formados em Psicologia com quem já realizávamos alguns projetos em Guarulhos, iniciamos a formação do coletivo: Psicologia nas Fronteiras.

Esse coletivo tem como inspiração as/os psicanalistas da Praça Roosevelt, Clínica Pública e Clínica Aberta Casa do Povo. O coletivo não tem vínculo algum com instituições ou aparelhos do Estado e não se pretende, em momento algum, suprir a precarização de serviços públicos, tão pouco os direitos sociais conquistados. As/os psicólogas/os e estudantes de Psicologia que compõem o coletivo de uma clínica aberta, entendem a importância de práticas da Psicologia no atual contexto histórico, social e político, reafirmando o compromisso com o social e o lugar como Psicólogas/os e estudantes, tendo como uma das referências a experiência psicanalítica como uma ética.

NOTA DO AUTOR

No momento, o coletivo passa por reformulações, não está atuando na praça e pretende retornar o mais brevemente possível. Os projetos não param e, atualmente, iniciaram as Rodas de Escuta dentro das Ocupações do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto - MTST, de Guarulhos, que ocorrem uma vez por mês, contando com temáticas iniciais sobre ansiedade, depressão e suicídio.

COMO CITAR ESTE ARTIGO

Novais, L.F.R. (2019) A psicologia nas fronteiras: o sentido de sentir a psicologia. *Pathos: Revista Brasileira de Práticas Públicas e Psicopatologia*, 10 (3), 63-66.

RECEBIDO: 14/06/2018.

APROVADO: 01/02/2019.